

AVENCA

Toda a ação
da filosofia mer-
gulha as suas
raízes na me-
tafísica

Piat

ANO II — N.º 25
DEZEMBRO
1 1953

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
R. P.º António Vieira, 9 — LOULÉ — Tel. 216

DIRETOR

JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO — Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq. — FARO — Telefone 354

O primeiro aniversário

COM o presente número, entra «A Voz de Loulé» no segundo ano de existência.

E é de boa norma, de tempos a tempos, dar balanço à vida, para se corrigirem erros passados e traçar planos para o futuro e assim o fazemos, ao cabo deste ano.

Quanto ao passado, só nos pesam as insuficiências, que foram muitas e nos entristecem as imperfeições que não conseguimos suprir e que não foram menos, consolando-nos a consciência de que demos o que podemos e que a ninguém ferimos injustamente.

Tanto quanto possível, fomos fiéis ao programa e à conduta que nos propuzemos.

Em relação ao futuro, a modéstia dos nossos recursos não consente que, por ora, passemos a semanário, como é desejo manifestado por grande número de leitores. Outras preocupações impedem que ao jornal se dediquem mais umas escassas horas além daquelas que, de 15 em 15 dias, lhe são indispensáveis.

No entanto, como quinzenário, continuaremos, tentando corrigir imperfeições verificadas, a ter os olhos postos na nossa terra, nos seus interesses morais e materiais, para os defender com independência, com justiça e com sincera dedicação. Para isso nasceu «A Voz de Loulé» e nessa senda caminhará.

A ninguém, de quantos nela trabalham ou para ela contribuem com o muito ou pouco das suas possibilidades, move qualquer interesse pessoal ou vantagem material e por isso não nos arrecedemos de seguir, com a cabeça erguida, o nosso caminho, nem sacrificaremos o nosso dever a imposições que nos diminuam. E, quando claudicarmos, não hesitaremos em confessar *nossa culpa...*

Não nos parece bem falar de sacrifícios, de causeiras e de sensaborias como é hábito nestes artigos de circunstância. Ninguém nos agradeceria ou viria indemnizar-nos... De resto ninguém nos impôs o fardo nem nos pediu que o aceitássemos e... quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele...

Resta-nos agradecer aos nossos queridos colaboradores o seu contributo, não só para que o nosso jornal

(Continuação na 5.ª página)



Ao aparecer-se do automóvel, Salazar sauda, agradecendo, a multidão que o aclama

A inauguração do Monumento a Duarte Pacheco esteve presente o Professor Oliveira Salazar

DOR este notável acontecimento ter sido largamente relatado por toda a imprensa do país, que lhe deu o merecido relevo, não devemos ir além das breves notas e apêndices para fixar, nas colunas do nosso jornal, o facto que, nos últimos dias, dominou todo o Algarve.

A homenagem nacional prestada à memória do genial estadista, nosso saudoso e insigne conterrâneo, foi ainda mais significativa por

a ela, se haver associado quem na presente conjuntura histórica, mais autoridade possue para apreciar um homem de Estado e para traduzir e interpretar o sentimento nacional — o sr. Presidente do Conselho.

Por isso e para isso, Salazar esteve em Loulé no passado dia 16, e Loulé recebeu-o com o carinho e o respeito que soube conquistar e a que tem direito quem ao País se devotou, para o tornar próspero e respeitado.

Os louletanos vibraram de entusiasmo, cuja exuberância só teve a limitá-la esse mesmo cérnho que, por ser grande, tem o seu quê de íntimo e por esse respeito que, por ser natural e sentido, impõe compostura e dignidade.

E, para que não exagere, a pena dum louletano a dizer o que para a nossa terra significou a jornada de 16 de Novembro, com a devida vénia e o merecido reconhecimento, arquivamos o que dela disse o nosso prezadíssimo colega «Correio do Sul»:

«A nota dominante da impetuosa jornada que Loulé viveu, com a habitual dignidade, na passada segunda-feira, foi dada, indiscutivelmente, pela presença de Salazar.

Salazar esteve, de facto, em Loulé, no passado dia 16. Presença rara, de que poucas

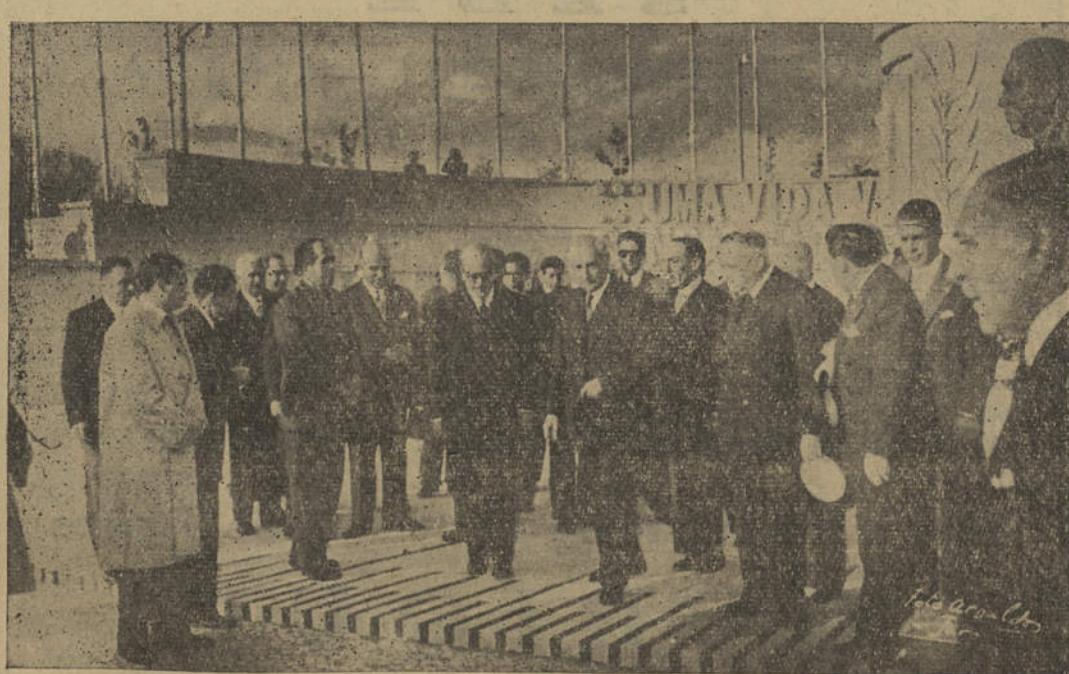
terras do País, têm podido orgulhar-se em manifestações de qualquer natureza e que nunca o Algarve tivera a honra de oficialmente usufruir em qualquer dos momentos mais solenes da sua história contemporânea, ela dá bem a nota exacta do alto apreço em que era tida a nobre figura do louletano a que na segunda-feira se prestou homenagem e o alto significado em que a sua consagração foi tida na vida nacional.

Loulé, vila de nobres tradições e poucas vezes estas palavras terão tido tão pura significação — Loulé, a cuja maneira exuberante e algarvia de ser tantas e tantas vezes nos temos referido nestas colunas com o merecido elogio, promoveu e assistiu à justa consagração do mais ilustre dos seus filhos e teve ela própria a consagração de que era digna.

Em brevíssimas notas de reportagem que as circunstâncias nos aconselham e obrigam a limitar, vamos registar o que foi a comemoração do 10.º aniversário da morte de Duarte Pacheco.

A's 9,30 horas, na Igreja Matriz, celebraram-se solenes exequias presididas por Sua Ex.º Rev.º o Senhor D. Bispo Coadjutor que, no final, em brilhantes e sentidas palavras, fez o elogio do falecido ministro e salientou o significado da cerimónia a que punha fim, pela qual implorara a misericórdia divina para a alma do homem

(Conclui na 4.ª página)



Salazar, após ter prestado homenagem a Duarte Pacheco, junto do seu monumento, prepara-se para deixar Loulé

Impressões

HAVIA cinco anos que não visitava a minha terra natal.

Fui de longada a Loulé assistir à inauguração do monumento erigido à memória do Engenheiro Duarte Pacheco.

Vibra-me ainda a alma de intenso jubilo por ter estado presente a tão merecida homenagem levada a efeito pelos portugueses a tão ilustre filho de Loulé, o saudoso Ministro das Obras Públicas, que no exercício da sua elevada missão tanto honrou o seu nome, tanto contribuiu para enobrecer a Pátria, e que bem mereceu a admiração de nós todos, como dos melhores portugueses do passado.

Na intenção de ser sincero, como sempre tenho sido através da minha vida já longa, e na plena consciência da minha sinceridade, confesso ser difícil para mim exteriorizar as minhas impressões, por não poder traduzir, pela palavra escrita ou falada, o que senti perante essa apoteose ao homem que teve «uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio». E' que perante as grandes dores e catástrofes, e perante grandes glórias, a palavra é quase sempre impotente, quando

ela não pode traduzir e descrever o que se sente. Contudo, consola-me ter a vibração comunicativa de sinceridade, e a consciência do cumprimento de um dever para com o Homem que se elevou pelo esforço próprio e pela sua intelectualidade, ao lugar de destaque em que todos o admirámos, e que uma vez nesse lugar não o envideceram os brilhos de uma posição destacada de entre tantos valores da sua geração, como também não o entonteceram vaidades

do lugar que conquistou pelo seu próprio valor, deixando uma obra que ainda de pé e a desafiar, altivamente, quem quer que seja.

A sua rápida carreira à situação preponderante que ele, pouco tempo depois de tomar o pesadíssimo encargo das grandes realizações, em breve tomou, deu-lhe o lugar entre os primeiros homens públicos dos últimos tempos.

Ele subiu no seu meio, porque as excepcionais qualidades de trabalho e a clarividência do seu espírito o impeliam para tão elevada missão, e sempre com a preocupação de que sem trabalho não havia prazer em vencer na vida, revelando sempre as mais elevadas qualidades de reconstrutor, apresenta uma obra que era, não uma promessa, mas uma certeza da efectivação do seu programa, traçado que lhe absorveu todos os instantes da sua vida que permanecerá luminosa como uma estrela resplandecente de luz,

Para se traçar o elogio do saudoso Eng.º Duarte Pacheco, teriam de relesse, uma a uma, todas as páginas desse grosso volume que constitue a história da sua actividade dos seus trabalhos, que ficam a atestar a sua imortalidade.

Foi bem escolhida a sua terra natal, para o altar que lhe erguem os portugueses a perpetuar o nome glorioso que ficará eternamente na História.

Augusto C. Bolotinha

VENDE-SE

Por motivo de partilhas

A Quinta do Cadôico

Recebe propostas:

VASCO CAMILO MARTINS
LOULÉ

Sábrica de Mosaicos

José Correia Mendonça

Ex.º Público que acaba de instalar em Loulé uma Fábrica de Mosaicos, que lhe permite executar os mais variados e sólidos tipos de modernos e artísticos mosaicos.

Alem dos numerosos desenhos que tem, também pode executar mosaicos com desenhos e modelos esculpidos pelo cliente

Executa ainda quaisquer trabalhos em marmorite, tais como:

Lava-louças, pedras para mesas, balcões, banheiras, etc., etc.

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

FÁBRICA DE MOSAICOS

Rua 28 de Maio, 5
(próximo do Coreto)

LOULÉ

Anastácio Guerreiro Dourado

Faleceu, no dia 19 do mês findo, o nosso velho amigo Anastácio Guerreiro Dourado, proprietário da «Tipografia Louletana» e antigo militar dos tempos das campanhas de ocupação da nossa África para onde foi muito novo. Ai serviu sob as ordens do saudoso Coronel Pires Viegas e com muito brio honrou a bandeira portuguesa no comando dum posto perto do Lago Niassa.

Anastácio Guerreiro Dourado dedicou-se com sucesso e aprumo às lides jornalísticas e em Loulé se publicaram, sucessivamente, sob a sua direcção «O 1.º de Maio», «Folha de Anuncios» e «O Louletano», cuja suspensão, há cerca de 15 anos, foi determinada pelo seu precário estado de saúde que, agravando-se aos poucos, cada vez mais, o impediam de sair da perto de 2 anos.

Foi pela sua mão que encetamos a nossa colaboração na imprensa e, pelo contacto que tivemos com ele, pudemos apreciar a lhança do seu carácter e do seu coração e como o dominava o desejo de não ferir nem magoar ninguém nas colunas do seu semanário.

Anastácio Guerreiro Dourado morreu com 75 anos, deixando viúva a sr.ª D. Maria Encarnação Coelho Dourado e era pai da sr.ª D. Isabel Coelho Dourado, muito conceituada professora de piano nesta vila.

«A Voz de Loulé» que em Anastácio Guerreiro Dourado perdeu um dedicado amigo, apresenta à família do saudoso extinto a sentida expressão do seu pesar.

T U D O

As vezes... muitas vezes... quando a gente Concentra o pensamento — e o leva aonde Uma voz de fantasma não responde — Um pouco de si mesmo vê e sente.

Em tudo quanto está na nossa frente, Um pouco da noss'Alma ali se esconde.

— São vozes de ninguém, que vêm lá donde?... Talvez dum sonho que anda há muito ausente!...

A moss'Alma é a Luz que anda colada A tudo quanto é vida — e até ao Nada De quantos nadas se compõe a Vida!

Sonhos tombados... Um silêncio mudo... Beijos sem Alma... — mas que dizem tudo De quanto foi tanta Ilusão perdida!...

Braga, 52. (Inédito) A. GARIBALDI

D. Emilia Pagani

Após ter estado internada no Hospital desta vila em virtude do grave desastre ocorrido no sítio da Cortelha (Ameixial) por o automóvel que guiava ter derrapado, retirou há dias para Lisboa, quasi restabelecida, a Engenheira-Agrónoma sr.ª D. Emilia Pagani, natural de Lourenço Marques e residente em Lisboa.

Não esqueça que a Gráfica Louletana tem o telefone n.º 216 de Loulé, ao seu dispor.

Uma Seguradora moderna AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS OURIQUE

SEDE

Avenida da Liberdade, 211-1.º — LISBOA

Telef. 57116-7

FILIAL

Praça de D. João I, 28

PORTO

TELEF. 27431

DELEGAÇÃO

Rua de Ferreira Borges, 145-1.º

COIMBRA

TELEF. 3494

Agências em Faro, Loulé e Portimão: BANCO DO ALGARVE

Faça o seu seguro na Companhia de Seguros

OURIQUE

O aniversário de "A Voz de Loulé"

FAZ hoje um ano que, pela primeira vez, viu a luz da publicidade o jornal que tendes nas vossas mãos. O caminho percorrido é ainda demasiado curto para que possamos ajuizar se valeu ou não a pena dar-lhe vida.

Quando decididamente nos propuzemos fazê-lo, sabímos antecipadamente que o jornal nos traria contrariedades, canseiras e até antipatias. Contudo, isso não impediu de levarmos por diante o nosso desejo de dotarmos Loulé de um jornal.

"Se pararmos cada vez que um cão latir, o nosso caminho nunca terá fim", diz um provérbio árabe. Na verdade, nada de útil se faria em prol do bem comum se se pretendesse satisfazer a vontade de todos no prosseguimento de um caminho traçado.

Em todas as coisas do domínio público é inevitável que haja sempre descontentes, pessoas que só vêem defeitos naquilo que os outros fazem. Como, porém, ao lançarmos "A Voz de Loulé" não tivemos a quimérica pretensão de agradar a todos, limitamo-nos a fazer o melhor que podemos e que as circunstâncias no lo permitem.

O nosso principal objectivo é servir Loulé e pugnar pelo seu progresso, fazendo do jornal o portavoz das suas legítimas aspirações e interesses.

Em vez da indiferença que votam aos problemas da sua terra, bem desejarmos poder contar com a colaboração daqueles louletanos cuja inteligência muito poderia contribuir para elevar o nosso jornal ao nível que desejariam e que Loulé bem merecia.

Durante estes 12 meses que ora se completam, temos recebido inúmeras e sentidas cartas de louletanos ausentes, exteriorizando o seu reconhecimento

pela alegria que lhes proporcionámos com a remessa do nosso jornal. Tantas têm sido, que seria fastidioso enumerar-lhes a origem ou transcrever passagens que deixam transparecer nitidamente aquele sentimento de apego ao torrão natal que só sentem aqueles que algum dia partiram para longe.

Talvez que muitos desses nossos amigos tenham ficado desapontados por o jornal não corresponder ao que desejariam. A esses podemos dizer que também nós não estamos satisfei-

"O prazer da crítica roubar-te-á o prazer de te deliciares com muitas coisas belas".

La Bruyère

tos; também nós desejarmos vê-lo melhor, mas reconhecemos que um jornal de província que não pode ter redactores só pode virar se fôr amparado pelo esforço comum de alguns desinteressados que queram e saibam fazê-lo. E é justamente esse amparo que nos tem faltado. Tem sido justamente a ausência desse esforço comum que não nos tem permitido fazer mais nem melhor.

Pedimos, pois, a esses nossos amigos, que apesar de tudo ainda acham que alguma coisa temos feito, que sejam condescendentes para com o nosso amorismo e aceitem os nossos maiores sinceros agradecimentos pelas palavras amigas com que emerecidamente nos têm brindado. Com elas sentimo-nos compensados das arrelias e preocupações, que temos experimentado. Por elas repararmos que ao menos conseguimos alegrar esses louletanos com a remessa quinzenal do bocadinho da sua terra, pois se o jornal é de Loulé, é simultaneamente algo de si mesmo. Pena é que nem todos o reconheçam como desejaria um nosso amigo que nos escreveu de longe: "Oxalá todos os louletanos saibam levar às colunas desse quinzenário todo o vibrante e elevado bairrismo que sempre souberam dar a todas as belas iniciativas".

Missão ingrata a da imprensa local, que muito pouco pode dizer para não melindrar quem quer que seja! Quantas notícias teem saído nestes 24 números que nem sequer sonhávamos poderem ferir susceptibilidades, mas que têm magoado muitas pessoas simplesmente porque pensamos de maneira diferente ou porque fomos mal informados...

...Outras vezes, é a ausência de notícias de factos cuja ocorrência não tivemos conhecimento...

No conjunto são geralmente pequenas coisas que acontecem, umas vezes resultantes do pouco tempo que podemos dispor para fazer jornalismo, outras por desejarmos fazer mais do que aquelas que sabendo fazer melhor, preferem nada fazer.

A compreender estas contrariedades, sentimos por vezes que o nosso esforço não tem sido totalmente em vão. Atestam-no a afluência de novos assinantes que nos escrevem até das mais longínquas partes do Globo a pedir que lhe enviamos "A Voz de Loulé".

...e mande o jornal por avião para que chegue mais depressa. O preço não importa..., diz nos da Venezuela um nosso conterrâneo.

No primeiro número deste

A "História do Benfica"

o popular clube
Português

O Spor Lisboa e Benfica, grande clube português de desportos, o mais popular, com um passado brilhantíssimo, vai completar, em Fevereiro de 1954 o primeiro meio século de uma existência votada à causa da Educação Física. E entre as iniciativas para comemoração de data tão faustosa no desporto nacional há uma de notável destaque — a publicação da «História do Benfica», pelos conhecidos e conceituados jornalistas desportivos Mário de Oliveira e Rebelo da Silva. E dela recebemos o respectivo fascículo-especíme, distribuído como propaganda para a obra em preparação.

O fascículo em referência, que muito agradecemos, agradou-nos plenamente, tão primoroso e sugestivo se apresenta no seu aspecto gráfico. Tem formato grande; o texto corresponde ao valor dos autores; é profusamente ilustrado e a impressão é cuidadosa. Trata-se, pois, de uma publicação magnífica, digna em absoluto do prestígio, do passado e, até, do futuro do popular clube lisbonense. O próprio fascículo, por si mesmo, constitui síntese oportunamente o que o Benfica tem feito em meio século de actividade; e é excelente como amostra do que devem vir a ser cada um dos fascículos em que o trabalho se divide, e da vibração com que será escrito.

A «História do Benfica» terá um interessante extensivo a todo o desporto nacional, tão ampla e brilhante é a acção desenvolvida pelo clube em elevado número de modalidades desportivas. Mas terá naturalmente um significado especial para os sócios e simpatizantes do clube mais popular entre nós, com uma projeção enorme em todo o Império.

Por tudo isto, é de esperar e desejar que a iniciativa de Mário de Oliveira e Rebelo da Silva seja acolhida em ambiente de grande simpatia, que bem o merece, pelo seu valor, pela sua amplitude e pelo passado glorioso de um clube que é o melhor cartaz de propaganda desportiva, de um clube que, por si e pelos seus atletas, tem honrado o País mais de uma vez, em diversos desportos, sempre com galhardia.

A publicação da «História do Benfica» é feita em fascículos mensais, de 32 páginas, na base de 20\$00, na edição vulgar, e de 50\$00 para a edição de luxo, com alguma redução no caso de assinatura por 6, 12 ou 24 fascículos.

Os pedidos de assinatura e quais-

Cartões para Boas Festas → NOS MAIS FINOS MODELOS
EXECUTAM-SE NA GRÁFICA LOULETANA
Grande diversidade de formatos originais

riamos para semanário logo que as circunstâncias o permitissem. Sentimos que ainda não seja esta a altura propícia para fazer a vontade a muitos dos nossos conterrâneos.

Além de uma duplicação de afazeres de duvidosa compensação, temos a lamentar a ausência repentina e inesperada da colaboração de alguém que à causa do nosso jornal se devotara entusiasticamente e devotadamente, contribuindo para o seu apreciamento com o melhor da sua boa vontade, da sua in-

teligência, iniciativa e dinamismo.

A mudança para semanário significaria ainda ter de pedir demais a quem tão desinteressada e abnegadamente e com manifesto prejuízo da sua vida profissional e particular, se tem esforçado mais do que pode para que «A Voz de Loulé» tenha grande atrativo através do caminho difícil e ingrato que tem trilhado. Para o sr. Dr. Jaime Rua não, pois, as readidas homenagens e os agradecimentos sinceros do

EDITOR

NOCTURNO

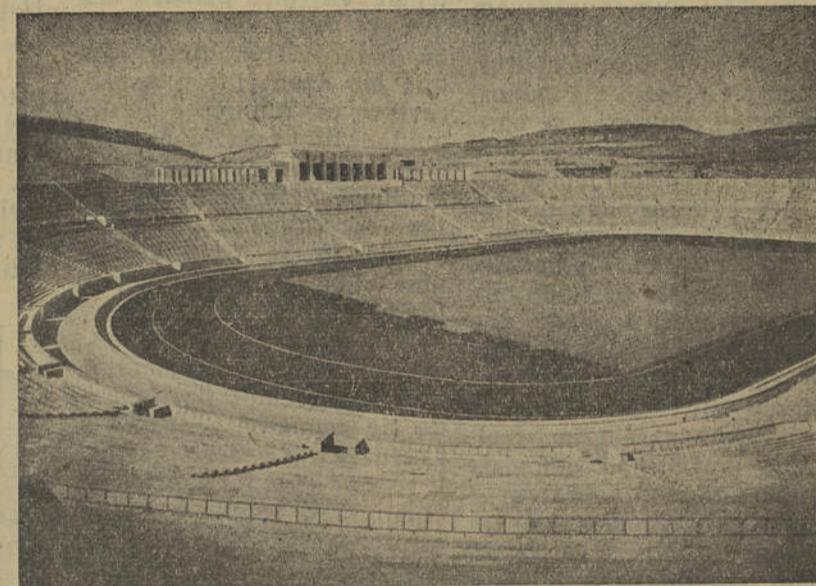
QUEM foi que destrancou o teu cabelo e te deixou na rua mal calçada e mal iluminada?

Quem derramou na sombra das esquinas
teu corpo moço,
e apagou o cônscido alvoroco
da tua puberdade...?
e fez de ti um pálido atractivo
dos esconsos caminhos da cidade?

— Carícia sem razão! Injúria sem motivo!

FERNANDO LAGINHA

Loulé - Julho - 1953.



Estádio Nacional — Uma das grandes obras do Engenheiro Duarte Pacheco

NOVOS ASSINANTES

Temos o prazer de registrar hoje, como novos assinantes, os nossos prezados conterrâneos, cujos nomes a seguir publicamos para lhes agradecer o interesse manifestado pelo nosso jornal:

Senhores: José de Sousa Zácarias, João dos Santos Martins, Cristovão Pinto Leal, António Gonçalves de Sousa e José Pires Norte, residentes na Venezuela; João Martins Barriga, Joaquim Martins André e João Rodrigues Mendes, na Argentina; Manuel Francisco, José dos Santos Duarte, José de Sousa Gomes Cravinho e Bernardino de Sousa Grande, em Angola; Albino Guerreiro Correia, em Lourenço Marques; Manuel do Espírito Santo Lopes, na Índia Portuguesa; José Martins Gregório e José de Sousa Madeira, em Setúbal; P.º Jacinto Guerreiro Rosa, Virgílio José e Manuel Viegas, em Santa Bárbara de Nexe; Lyster Brazão de Jesus, em Boliqueime; Capitão Manuel de Sousa, em Vendas Novas; Manuel Matias de Sousa, em Querença; António Jorge e Manuel Pedro Nogueira, em Quinta (Santarém); João António, na Conceição (Tavira); Rui Eduardo da Glória Centeno, Engenheiro Júlio Cristovão Mealha, Manuel Mendes Inácio, Joaquim dos Santos Carapeto, Rogério de Sousa Martins, Hugo dos Reis Castanho, em Loulé, e as senhoras: D. Silvina dos Santos de Sousa, no Estoril; D. Crisântea de Figueiredo Mascarenhas Marreiros Leite, no Algoz; D. Mariana Dias Martins, em Santarém, e D. Maria Luiza Dias Fernandes, em Loulé.

«Não é a maior ventura alcançar quanto se deseja mas a saber não desejar quanto se possa escusar».

Tucídeedes

EM FRENTE... A inauguração do Monumento

UM ANIVERSÁRIO, aparte os casos trágicos, é, por via de regra, uma data festiva. E' o na vida dos indivíduos, é-o igualmente na existência das coisas.

Para um jornal grande ou pequeno, modesto ou aparatoso, o dobrar do ano representa sempre um acervo de canseiras, de apreensões e cuidados. Evidentemente que grande nau, grande tormenta, o que não obstante a que a pequena imprensa se senta, muitas vezes, numa atmosfera de irrefragável asfixia.

A grande imprensa dispõe, regra geral, duma equipagem completa, quer em material, quer na mecânica das letras. E depois o meio e a crítica, dois elementos que se conjugam para dar ou retirar vida ao jornal, incidem cruelmente sobre a pequena imprensa.

Não foi «A Voz de Loulé», logo de inicio, apelidada de *folha de couve?*

Pois bem, a folha de couve também tem os seus méritos.

O que é, porém, inegável, é que um jornal, por mais modesto que seja, dá sempre muito trabalho, mas também presta óptimos serviços ao meio em que vive. Hoje é um valor material em perigo de se perder, amanhã uma iniciativa a pôr em marcha, e logo e sempre são mil e uma coisas que exigem a atenção do aglomerado social.

Se focarmos a posição de «A Voz de Loulé» e quisermos seguir a sua trajectória a partir do primeiro número, encontramos no quadrante dos interesses locais muitos e variados assuntos abordados, e alguns devidamente estudados.

Foram todos postos com inteligência? — A resposta só virá com o tempo, num futuro mais ou menos longo.

O que é certo, e isso deve estar na mente de muitos, é que se procurou, com sinceridade, resolver problemas de certo modo complexos, que doura forma nem sequer seriam revelados ao público.

Bem sabemos que a crítica acode sempre de faca em punho para cortar aqui e ali. Isto é natural, e às vezes necessário, dado como se sabe que desses cortes muitas vezes nada sai. A melhor resposta a dar ao crítico improvisado é convidá-lo a fazer melhor e mais. Em face das realidades, a crítica geralmente abrandava, e, muitas vezes, esconde-se no seu confuso anonimato. A crítica de alcovite não transpõe, aliás, a estrada que circunda o soalheiro, não irradia, nem tem projecção fora do meio em que é criada.

Para o louletano que res-

Discurso proferido pelo Senhor Presidente do Conselho na sessão solene

COMO se diz noutro lugar «A Voz de Loulé» quer arquivar nas suas colunas os documentos que são, para a história de Loulé, os discursos proferidos na inauguração do monumento a Duarte Pacheco, por Suas Ex.ºs os senhores Presidente do Conselho e Presidentes das Camaras Municipais de Lisboa e de Loulé. Só a falta de espaço, devido ao formato e às possibilidades do nosso jornal, os não publicamos duma só vez e por isso iniciamos hoje essa publicação, pelo discurso a todos os títulos notável do Senhor Professor Doutor António de Oliveira Salazar.

Meus senhores:

Eu não farei um discurso; peço apenas me seja permitido marcar a minha presença neste acto, simultaneamente de saudade, de exaltação e talvez mesmo de desagravo. No fundo, bem no fundo de mim estimaria não ter de vir, mas pareceu-me que era ceder a uma espécie de covardia perante a dor, que me aconselhava a não reviver, em público e na dignidade duma cerimónia oficial, sentimentos que me são familiares em horas de íntimo recolhimento.

Quando se tem vivido uma vida já longa, e sobre longa intensa, de trabalhos, de fadigas, de inquietações, até de sonhos, o caminho que percorremos fica ladeado de numerosas cruzes — as cruzes dos nossos mortos. E se essa vida foi sobretudo colaboração íntima, soma de esforços comuns, inteiro dom das qualidades nobres da alma, eles não ficam para traz: continuam caminhando a nosso lado, graves e doces como entes tutelares, purificados pelo sacrifício da vida, despidos da jaça da terra, sublimados na serenidade augusta da morte.

Na verdade há mortos que não morrem: desaparecem no seu envólucro terreno, na sua figuração humana, na fragilidade e nos defeitos e nas limitações da carne; mas o espírito continua a brilhar como as estrelas que se apagaram no céu há cem mil anos, vincam-se mais na terra os sulcos que o seu exemplo abriu e parece até que os seus afectos não deixam de aquecer-nos o coração. Nem de outra forma se compreenderia que a Providência suscitasse tantas vezes almas extraordinárias, cumes de beleza espiritual, e lhes não conceda mais que uma breve aparição, como vôo de aza que corta o céu, botão que murcha sem revelar ao sol da manhã a graça e o perfume da rosa. — Há mortos que não morrem, e nós todos que viemos de longe ou de perto, em saudosa peregrinação, somos os que testemunhamos que este não morreu.

Não tenho excessiva simpatia pelos monumentos com que é de uso celebrar os feitos, as virtudes, a vida dos grandes homens. Correm em geral o risco de ser de mais ou de menos: de mais quando a falta de perspectiva não permitiu proporcionar a estatura dos ho-

mens à importância real da referente ao valor da obra, sua influência nos acontecimentos; de menos, se a arte tem de confessar-se importante para fixar na pedra ou no bronze aqueles dons que, pela sua riqueza exuberante ou pela infinita distância do espírito à matéria, se subtraem a toda a expressão plástica.

A questão não se punha aqui, porque, confiando à História definir e exaltar os méritos dos que a fizeram grande, o que se pretendia não era o monumento que glorificasse o homem mas um sinal que exprimisse a gratidão de um povo. Na

desejava exprimir o meu apreço aos artistas que a conceberam e se esmeraram em executá-la no seu tocante simbolismo, e louvores a todos os que, mesmo em tarefas modestas, foram chamados à sua realização.

Meus senhores: creio ter dito o essencial do que se me impunha dizer, mas desejava acrescentar ainda algumas poucas palavras, acerca daquele cuja presença invisível nos tem aqui reunidos. Não é este o local nem o momento próprio para prestar, como prometi há



Salazar lendo o seu brilhante discurso

sua terra, no meio da sua gente, no recanto de uma praça tranquila, ansiava-se por alguma coisa — fosse o que fosse — uma pedra, uma palavra que traduzisse com simplicidade: eis que este vive na memória e no coração dos portugueses. Como eu felicito, por acto tão rico de significado, os municípios do País, directos representantes das populações por mil modos beneficiadas, e como agradeço ao Ministro das Obras Públicas ter animado a iniciativa, tomando-a carinhosamente nas mãos e acompanhando-a com desenvolvimento até à sua materialização final!

Muitos artistas se empenharam em colaborar na memória com o apuro da sua arte e extremos de devoção desinteressada. Eles idearam a coluna que se levanta forte, como o próprio esforço da reconstrução nacional, e se interrompe, quebrada, na altura e no momento trágico em que a vida que a erguia, por demasiado tensa, se parte abruptamente também.

Baixos relevos ilustram, como breve apontamento, esse trabalho ingente, variado, extenso, multifórmido, como seria próprio do nosso maior edificador moderno da «cidade material». Se à minha falta de competência pode ser consentida palavra

dez anos na Assembleia Nacional, «perante a Nação que o perdeu e a História que orgulhosamente o recolheu em seu seio, o depoimento que lhes devo». Desculpá-me á por isso que não vá agora além de ligeiríssimas notas. Um homem como Duarte Pacheco poderia ser justamente enaltecido através da massa de realizações materiais, e também, e sobretudo, pela escola que formou. Uma e outra coisa são de facto a sua obra, mas enquanto as realizações estavam na dependência do tempo e das circunstâncias, a escola que representa a capacidade realizadora para o futuro dependia apenas da riqueza da sua personalidade.

A obra material é imensa: em todos os sectores das obras públicas e das comunicações onde havia que reformar, reconstruir, empreender, abrir novos caminhos à actividade e progresso da Nação, para vencer atrasos, forçar actualizações, satisfazer necessidades crescentes, ele pôde delinejar, rasgar caboucos, erguer construções, firmar princípios de orientação, com largueza de horizontes que em raros homens se encontram. Como reformador, como edificador, o seu espírito impunha-se por essa mara-

(Conclui na 7.ª página)

(Continuação da 1.ª página) que à sua e nossa Pátria prestara tão relevantes serviços e lhe imolara a própria vida.

Terminadas as exequias, a que assistiram o sr. Governador Civil de Faro, deputados, representantes dos municípios, antigos colaboradores de Duarte Pacheco e outras altas individualidades, todas as pessoas presentes e às quais se associou muito povo, dirigiram-se até junto do prédio da Praça da República onde nascera o estadista e aí, pelo irmão mais novo, o Dr. Nuno Humberto Pacheco, foi descerrada uma lápide comemorativa que, na frontaria da casa, assinalará ter ali nascido aquele a quem o País tanto ficou a dever.

Em breves palavras, o Presidente do Município, sr. José da Costa Guerreiro, evocou a personalidade do homenageado, preconizando que essa «pedra na sua fria e expressiva mudez, seja como uma voz de comando a impor aos novos a vida exemplar de trabalho, desse talentoso e grande louletano, em prol da Pátria».

Igualmente o sr. Engenheiro Mascarenhas Gaivão, ilustre chefe do distrito, sentidamente e com brilho e muita elevação pronunciou um breve discurso, que foi muito aplaudido.

Cerca das 10 horas, começaram a afluir os convidados ao recinto que lhes fôr destinado, junto do monumento a inaugurar, em frente duma tribuna artisticamente concebida e executada. Entretanto, uma multidão que não será exagerado avaliar em mais de 20.000 pessoas, postara-se nos passeios, ao longo das Avenidas de José da Costa Mealha e General Carmona, por onde passaria o sr. Presidente do Conselho, cuja chegada a esta vila se fez notar pela ininterrupta salva de palmas, desde que o seu automóvel despontou no alto da primeira das artérias, até ao momento em que se iniciaram as cerimónias propriamente ditas da inauguração.

Sua Ex.º apeou-se no Largo Gago Coutinho e, acompanhado pelo sr. Presidente do Município e seguido pelos srs. Ministros da Presidência das Obras Públicas e das Comunicações, e outras altas individualidades que o aguardavam, fez a pé todo o percurso até à Praça do Monumento, saudado vibrantemente por toda a multidão, a quem ia prodigando sorrisos e gestos de agradecimento.

Ao assumir a presidência, na mesa de honra, novos aplausos atroaram os ares até que, comovidamente, a sr. Clotilde do Carmo

(Continuação na 5.ª página)

a DUARTE PACHECO EM FRENTE...

(Continuação da 4.ª página)

Pacheco, irmã mais velha de Duarte Pacheco, acompanhada por seu irmão Humberto e pelos Presidentes das Câmaras de Lisboa e Loulé, descerrou o medalhão com a effigie do homenageado.

Na sessão que imediatamente se seguiu, usaram da palavra os presidentes dos municípios de Loulé, sr. José da Costa Guerreiro e de Lisboa, sr. Coronel Salvação Barreto, cujos discursos publicaremos na íntegra, não só por constituirem palavras sinceras de justiça à memória de Duarte Pacheco, literariamente irrepreensíveis, mas também para nas nossas colunas ficarem arquivados como documentos dum brilhante acontecimento histórico.

Por fim, o sr. Presidente do Conselho, em palavras lapidares e dum primor literário inexcedíveis que nos revelaram um Salazar poeta, proferiu o elegantíssimo e sentido discurso a que todos os jornais do país deram lugar de honra e que «A Voz de Loulé», por todas as razões já apontadas e, se outras não houvesse, até por simples, mas justificados motivos de ordem literária, hoje publica na íntegra.

Finda a cerimónia o sr. Dr. Oliveira Salazar retirou-se para Lisboa, entre as aclamações populares, não sem que alguns dos mais humildes, mas mais ousados — por mais simples e mais sinceros — conseguindo abeirar-se do automóvel, procurassem apertar a mão do Chefe do Governo que, visivelmente tocado por tão espontânea manifestação, consentiu nesse gesto do comum saudar.

Em nome das mulheres desta vila, um grupo de senhoras ofereceu ao sr. Presidente do Conselho, no momento da partida, um elegante jarrão de cobre batido, objecto de característica regional, proveniente da oficina de mestre José Barracha que, igualmente, como recordação, obsequiou o Prof. Salazar com outro artístico cobre do seu fabrico.

NOTA

Dada a projecção nacional da manifestação de que Loulé foi teatro no dia 16 de Novembro, deliberou o nosso jornal editur, em brochura, uma reportagem gráfica em que, numa síntese eloquente, se gravem, para quem não esteve em Loulé ou para quem deseje ficar com uma recordação do facto, imagens e palavras do grandioso e histórico acontecimento.

A edição será limitada e o número de exemplares será determinado pelas possibilidades de venda e assim recomenda-se desde já inscrições na nossa redacção.

Discursos proferidos pelos srs. Governador Civil de Faro e Presidente da Câmara Municipal de Loulé no acto do descerramento da lápide na casa onde nasceu o saudoso engenheiro Duarte Pacheco

Senhoras e Senhores

É com bem sincera comoção, que como representante do Governo Nacional neste Distrito, acabo de assistir ao descerramento desta lápide, comemorativa de nesta casa ter nascido uma das maiores figuras do Portugal contemporâneo, um dos mais esforçados portugueses de todos os tempos, o Engenheiro Duarte Pacheco.

E é com bem sincera comoção porque, falecido há dez anos, esse homem, essa figura de exceção que há muito ultrapassou os umbrais da História, vive ainda no cora-

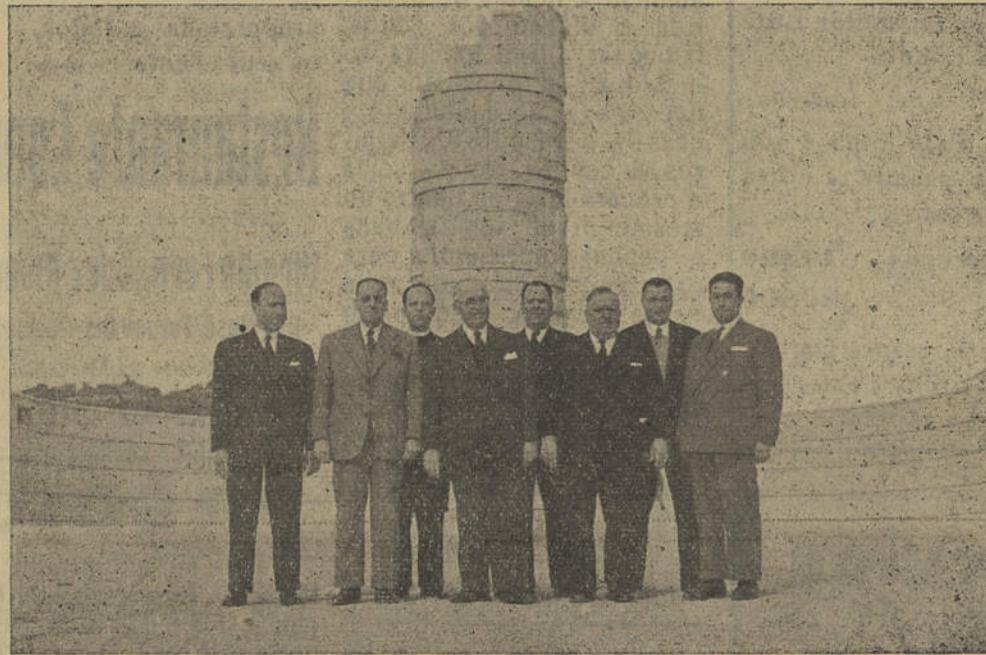
lenizar o acto que estamos praticando.

Fica esta lápide, apontando às gerações futuras, a grande colaboração que o Algarve, que esta vila de Loulé, prestaram a Sua Excelência o Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, na obra gloriosa de restauração nacional, na integração de Portugal na sua verdadeira grandeza e prestígio, dando-lhe inteira, completamente, o mais ilustre dos seus filhos.

Simbolizará a primeira página do livro da sua vida. A última lê-se no pequeno padrão que perdi na vastidão da planície alentejana atesta

Ex.º Sr. Governador Civil
Senhoras e Senhores

A Câmara Municipal de Loulé mandando fixar esta singela lápide no muro desta casa onde o querido Ministro Duarte Pacheco nasceu e viveu os primeiros anos da sua vida, efectiva uma das piedosas e justas comemorações que neste dia evocador de uma data tristíssima para Portugal vão ter lugar nesta vila. Esta placa de mármore colocada na arteira mais movimentada da sua terra natal ficará a lembrar a data histórica do nascimento de um homem que foi para a sua pátria uma feliz e res-



Vereação da Câmara Municipal de Loulé que presidiu à construção do Monumento

ção e na saudade, na veneração e no respeito de todos aqueles a quem foi dado conhecê-lo.

Não será este por certo, o momento para fazer a história de sua vida prodigiosa, nem tão pouco para lhe recordar os principais passos, de todos sobejamente conhecidos. Nem em tal caso, seria eu aliás a pessoa para tal qualificação.

São tão profundos, têm sabor tão vincadamente espiritual e íntimo, os laços que prendem o homem à casa familiar onde nasceu, que mais no recolhimento das nossas almas do que em pobres palavras sem côn, devemos procurar a forma perfeita de so-

o local em que, numa tarde cinzenta de Outono, a asa negra da morte para sempre o arrebatou.

As outras páginas do livro — do livro vertiginoso da vida de Duarte Pacheco — encontram-se dispersas por todo o Portugal inteiro; são as estradas rasgadas ou reconstruídas, os caminhos abertos, as fontes captadas e canalizadas, as escolas e os edifícios erigidos, o monumentos e igrejas restauradas, as pontes lançadas por toda essa abençoada terra portuguesa que Duarte Pacheco tanto amou, numa vida que foi, como disse Salazar: «Uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio».

plandente aurora, embora fugaz, de realidades e esperanças. O cruel e implacável destino, porém, não quis que ele atingisse o cume da sua brilhante carreira de obreiro infatigável do renascimento português; mas se é certo que a sua vida neste mundo foi veloz e curta qual meteoro deixando rasto luminoso a mostrar aos que lhe sucederam o caminho triunfal da glória, não é menos verdade que o seu espírito paira e comanda ainda a realização de tudo quanto o seu engenho e inteligência projectaram para longos anos da vida nacional. É possível que esta pedra na sua fria mudez mas expressiva, seja como uma voz de comando a impor aos novos a vida exemplar de trabalho desse talentoso e grande louletano em prol da nossa Pátria.

São decorridos 10 anos sobre a morte de Duarte Pacheco e quando se poderia supor que o seu nome se iria esfumando no horizonte do tempo, eis que se verifica, consoladoramente, que a sua obra e o seu nome vivem nimbados de prestígio e glória e que de dia para dia se agigantam cada vez mais, tornando-se imorredizíveis e dignos da nossa maior admiração.

Glorifiquemos sempre a memória deste português porque ele foi e continuará a ser glória da nossa Pátria.

Não vá, telefone para 216

se necessita de um simples cartão de visita ou se deseja anunciar em

- A VOZ DE LOULÉ -

EM FRENTE...

(Continuação da 4.ª página)

de fora da sua terra, nada interessa que o sr. João dos Melões deixe de falar à tia Anica das Alcachofras, ou que a Maria de Vais ao Leo, tenha namoro com o Gregório Ratão. O que lhe interessa é que a sua terra progrida, na verdadeira acepção do termo, que a família e os parentes que cá ficaram vão passando para um nível de vida melhor. E como somos, de facto, bairristas, qualidade cuja regência se faz sentir onde quer que nos encontremos, apreciamos que não haja quem nos afronte em qualquer competição.

Para todos estes anseios tem «A Voz de Loulé» um lugar reservado, um lugar batido de sol e inundado de luz onde se aquecem os bem intencionados e onde fulgem as aspirações legítimas.

Animar este sector do pensamento, que é «A Voz de Loulé», afigura-se-me um dever, mais que um dever, uma obrigação. E se dissermos que em lugar dum quinzenário desejariam ver um semanário bem enrouulado, não faríamos mais que confessar o melhor dos nossos desejos.

Não quisemos deixar passar esta data — a do aniversário da decantada folha de couve — sem assinar o ponto de presença, e ao mesmo tempo exprimir os nossos ardorosos votos por um futuro cheio de prosperidades.

J. Guerreiro Pereira

O primeiro aniversário

(Continuação da 1.ª página)

mantenha o seu razoável nível (presunção e água benta cada qual toma da que quer...) mas até para lhe assegurar a existência...

Congratulemo-nos pois por este dia feliz do aniversário e encetemos um novo ano, não com promessas de grandes cometimentos, mas com esperança de melhor podermos servir.

70 A 80 CONTOS

Precisam-se, até 15 de Dezembro, sobre 1.º hipoteca de propriedade com prédio ao centro e cujo valor é muito superior à importância pretendida.

Dirigir carta a António Joaquim Fernandes — Monte Novo de Lagoão — Martinlongo — Alcoutim,

Prímeiro de Dezembro

(aos heróis de mil seiscentos e quarenta)

— Heróis de mil seiscentos e quarenta
Que libertaste a nossa Pátria bela
Das garras infernais da vil Castela,
Vossos feitos, a ouro, a história assenta.

A nossa geraçãoinda lamenta
Os falhos sessenta anos de procela
E a perda de parcela por parcela,
Cujas dores a fé não acalenta.

Vós, jamais esquecidos pela história,
Um forte exemplo dais à humanidade;
Vossa fama, no mundo, é imortal.

De vós, para altos feitos, há memória
E gritamos convosco a liberdade:
— Portugueses, aqui é Portugal!

Lisboa, 1951

António Cabrita Gonçalves

Os C.T.T., serviços públicos a que rendemos as nossas homenagens pela sua organização, entregar-lhe-ão no seu domicílio, sem mais trabalho, os bilhetes que pedir à Rua dos Fanqueiros, 221, 2.º, em Lisboa, para o

37.º Sorteio promovido pela

Comissão de Propaganda de

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

O qual se realizará em 6 de Janeiro de 1954 e compreende os seguintes prémios, ricos de valor material e de utilidade:

- 1.º - 1 automóvel «Hudson», modelo Super-Jet.
- 2.º - 1 automóvel «Taunus 12 M» Tudor
- 3.º - 1 automóvel «Fiat», modelo «Novo 1.100»
- 4.º - 1 automóvel «Austin A 30»
- 5.º - 1 motocicleta «Norton» ES 2, de 500 cc,
- 6.º - 1 motoscooter «ISO», com 2 selins
- 7.º - 1 motoscooter «Lambretta» 125 cc. modelo LD
- 8.º - 1 Scooter «Cityfix» mod. 51 M, com motor Lutz
- 9.º - 1 automóvel «Austin Jnr» para criança
- 10.º - 1 bicicleta «Flecha» para rapaz

400 meias libras de ouro, cabendo cada uma a um dos 20 números antecedentes a cada prémio e outra a cada um dos 20 números posteriores.

Preço de cada bilhete: { de 5 números . 10\$00
{ de 12 , . 20\$00

Fazer acompanhar os pedidos da respectiva importância: a dos bilhetes e a dos portes do correio, para uma remessa rápida.

CASA DOS ÓCULOS



(A grande amiga dos seus olhos)

Direcção técnica de profissional especializado em Optica Médica numa das melhores casas do Porto

A casa onde comprará melhor e por menos dinheiro

FIXE BEM → CASA DOS ÓCULOS

Rua Dr. Oliveira Salazar, 27 FARO
(Vulgo Rua Baleizão)

Um louletano ao serviço da Optica

Laboratório de Análises Clínicas

Ascensão Afonso
MÉDICO

Rua Conselheiro Bivar, 102

Telefone, 366

FARO

Transportes para todo o País

União de Camionagem de Carga, Lda

AGÊNCIA EM

LISBOA

R. de S. Mamede,
22-11.º (ao Caldas)

Telefone 33352

Serviço especial

ALGARVE-

-LISBOA

Teleg. Unidos

TELEFONE 140

LOULÉ

Comarca de Loulé

Secretaria Judicial

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Tribunal Judicial da comarca de Loulé, 2.ª secção, e nos autos de execução sumária que José de Sousa Conceição, casado, agricultor, residente no sítio do Poço Novo, freguesia de S. Clemente, desta comarca de Loulé, move contra Maria Francisca de Jesus e outros, correm éditos de 30 dias, citando Manuel de Sousa Gonçalves, solteiro, maior, trabalhador, a useste em parte incerta, com a última residência conhecida no sítio do Barrocal de Apra, freguesia de S. Clemente, desta comarca, para no prazo de 5 dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio e depois de decorrida a dilacão dos éditos, impugnar a sua habilitação e deduzir a oposição que tiver, pagar ao exequente a quantia de 4.504\$40, os juros vincendos, custas, selos e procuradoria ou dentro do mesmo prazo nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento, sob pena de se devolver esse direito ao exequente.

Loulé, 9 de Novembro de 1953.

O Chefe da 2.ª secção,

António Ilídio A. da Veiga Verifiquei:

O Juiz, 1.º Substituto

Manuel d'Andrade e Silva

VENDEM-SE

Dois prédios, sendo um situado na Rua Condestável D. Nuno Alvares Pereira, n.º 23, com 6 divisões e quintal e outro na Av. Marçal Pacheco, n.º 80, com 4 divisões e quintal.

Tratar com Sebastião de Freitas Leal — Portimão.

COVEIRO

Precisa-se, para Boliqueime. Tratar com a Junta de Freguesia.

Carimbos de borracha

Confie as suas encomendas à Gráfica Louletana — Telefone 216 — Loulé.

Para um bom trabalho tipográfico Prefira a GRÁFICA LOULETANA

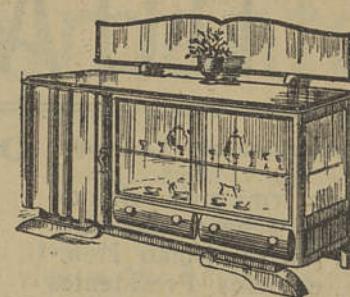
VENDE-SE

madeira de caixotes. Nesta redacção se informa.

Anuncie e reclame os seus produtos em «A VOZ DE LOULÉ».

OS MÓVEIS

CHUMBINHO!



são conhecidos

do Algarve até ao Minho!

Mobilias perfeitas e sólidas !

A mais escrupulosa qualidade de madeiras

O mais primoroso acabamento !

Comprar um móvel Chumbinho, é tê-lo sempre novinho!

Sempre em exposição a preços sem competência !

Visite a CASA CHUMBINHO

onde compra bom e baratinho !

Cosinha primorosa
e asseio esmerado

proporciona a todos
os seus clientes o →

Restaurante Conde

DE —

Virgílio Fernandez Alvarez

Rua José Fernandes Guerreiro
(em frente do Mercado)

LOULÉ

PRÉDIO

Vende-se um prédio, situado na Rua Vasco da Gama, n.º 5 a 11, com frente para a Praça Dr. Oliveira Salazar.

Quem pretender dirija-se à R. Serpa Pinto, 42 — Loulé.

PRÉDIO

Vende-se um prédio com 1.º andar e grande quintal, situado na Rua Eng. Duarte Pacheco.

Quem pretender dirija-se a Francisco da Silva Barreiros ou a José de Brito Barracha — Loulé.

Aos Senhorios

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana (próximo ao Teatro) — Loulé

Telefone 216

Rafael Almeida Santos

R. DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMOVEIS, MOTORISTAS e candidatos a CONDUTORES



A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS

TELEFONES Escritório 2206
Residência 2768

Chá Li-Cungo

Queira dirigir
os seus pedidos
aos agentes :

União de Mercearias
do Algarve, Limitada

Telephone: 22
LOULÉ

VENDE-SE

Uma máquina industrial de ajuntadeira de calcado, em bom estado. Quem pretender dirija-se a Maria Encarnação Aguas Renda, Rua do Sol, 7 — Loulé.

Carro para bois

Compra-se. Que seja forte. Nesta redacção se informa.

FURGONETA

Fordson, série 15, em bom estado, caixa aberta. Vende-se por preço económico.

Tratar com o proprietário Manuel Murta Marum — Poço Novo — Loulé.

VENDE-SE

PRÉDIO e terreno para construções, na Avenida José da Costa Mealha.

Tratar com Joaquim Lourenço Laginha — Telef. 168 — LOULÉ.

O discurso de Salazar Apontamentos para a História

(Continuação da 4.ª página)

vilhosa aptidão do geral e do particular, das grandes linhas e do pequeno pormenor, da justa medida do presente e da antevisão do futuro. Podia ser uma inteligência luminosa e não homem de acção; podia ser um realizador e ter de pedir emprestadas a outrém as ideias, os princípios orientadores, os pontos de partida. Mas a rica compleição do seu espírito tudo lhe permitia — estudar, resolver, impulsivar, administrar, fazer a sua passagem da ideia à acção era nele forçosa e parecia-lhe tão natural como ser uma necessária complemento da outra.

A visão parcelar e desconexa dos factos ou dos problemas que é a da generalidade dos espíritos, opunha-se em Duarte Pacheco a faculdade rara de lhes encontrar o nexo essencial, a necessidade quase física de tudo integrar no sistema de relações conveniente que havia de definir as soluções e os programas de trabalho. Cauteloso no estudo, quase o achariam lento, era na acção mais que dinâmico, vertiginoso, delapidando as forças, vivendo e queimando a vida com afan, com pressa, com ânsia, como se previsse que esta ia faltar-lhe e o tempo não houvesse de chegar para o muito que tinha no ânimo fazer.

O que, depois dos seus poucos anos de governo, apareceu materialmente feito ou renovado à face da terra portuguesa — em monumentos, em hospitais, em escolas e edifícios de toda a natureza, em aeroportos, em pontes, em estradas, em caminhos de ferro, em urbanização, em estádios, em habitações, em hidráulica agrícola, em exposições como essa exemplar exposição do mundo português — constitui uma obra imensa que ficará marcando para sempre a largueza das concepções, o progresso técnico e artístico, a excelência dos sistemas jurídicos, a severidade dos

princípios de administração. — Pois mesmo assim toda esta obra que engrandeceria um século se me afigura a mim não valer tanto para o País como a escola que dei-xou.

A selecção e preparação de numeroso pessoal, a coordenação de esforços oposita à dispersão dos homens e dos meios, o estudo sério contraposto à improvisação, a prévia definição de princípios, a exigência de planos, o optimismo da acção, o clima da altura e dos largos horizontes são, como força criadora e ambiente de trabalho, mais importantes que o que ficou feito — só porque foram a garantia da continuidade da obra: todos os os seus colaboradores se podem sem desdouro, com orgulho, considerar seus discípulos. E eu não penso diminuir ninguém dizendo que a este facto se deve não se terem notado afrouxamentos ou desvios na actividade desses departamentos, antes de ter sido possível apresentarem um acervo de realizações sucessiva e notávelmente acrescido.

Duarte Pacheco não era um político na acepção corrente do termo, mas homem de governo extreme, como os permite um regime em que a governação tem podido ser quase tudo e a pequena política quase nada. Como se receasse as multidões, falava pouquíssimo em público (para ele a vida era acção): os seus discursos foram raros e curtos, quase só anotação de factos ou números que importava ter bem presentes no momento. Nas suas declarações públicas dificilmente se encontrará traço ou afirmação acerca da política geral ou de assuntos estranhos ao seu sector da administração, mas isto não quer dizer que não prosseguisse um ideal.

Em dias e noites de trabalho, árduo, esgotante, apesar do prazer espiritual que me dava, debruçados sobre planos, projectos, problemas a

esclarecer, ideias a aprofundar, soluções possíveis, sucessos e fracassos, largas vias abertas ou caminhos a abandonar, o que em cada momento podia surpreender no seu esforço, era a preocupação de semear progressos, criar meios de trabalho, desenvolver as regiões mais desfavorecidas, facilitar e embelezar a vida rude das populações. E nunca falava no povo — para não o diminuir como plebe e poder servi-lo como Nação.

Depois que a morte submergiu os seus defeitos e deliu as naturais asperezas de uma compleição forte, agora que melhores perspectivas permitem a todos admirar a real grandeza da obra e do artífice, já não se podem invocar ofensas e muito menos se entende que fosse necessário o desagravo. Todavia a tristeza destes tempos em que a mesma evidência pode ser negada, impõe-nos que seja este um dos significados da nossa peregrinação.

Não desejava terminar sem uma palavra especialmente dirigida a esta boa gente de Loulé.

Apesar do apoio do Estado e da contribuição dos outros concelhos, a Câmara teve de fazer um esforço sério que importará para todos alguns sacrifícios, a fim de se preparar condignamente o local e erguer-se esta memória. Longe do meu pensamento censurá-la pelo rango, pois considero acto sobre todos louvável de educação cívica render por esta forma justiça a um conterrâneo que pode ser apresentado como o exemplo do desinteresse mais puro, do sacrifício da vida mais completo, da mais alta noção de servir. E não estejais tristes hoje, porque, se Portugal se encontra aqui em comunhão de espírito connosco a celebrar, embora entre as névoas da saudade, a glória de um português, esse português é um dos vossos, é o maior e mais ilustre filho da vossa terra.

de Loulé (5)

(Conferência efectuada no Cine-Teatro desta vila, em 22 de Dezembro de 1950)

Pelo Dr. ALBERTO IRIÁ Director do Arquivo Histórico Ultramarino

Ouforgava ainda o Rei, a D. Nuno, a renda de um moinho de Alte, com o reguengo de Algibre e a herdade que fora de Fernão Sanches, no termo da mesma vila.⁽¹⁾

E Loulé, apesar de não ser porto de mar, iria agora também dar expansão marítima aos Portugueses, tão auspiciosamente iniciada com a conquista de Ceuta, em 1415, por intrépidos marinheiros, audazes navegadores, experimentados pilotos, grandes missionários e pioneiros da colonização ultramarina, cujos nomes, dos que a história registou, e muitos deles agora revividos, pela primeira vez, bem mereciam figurar, ao menos, na toponímia desta vila, para proveitosa e útil lembrança das novas gerações. E o mesmo direi das restantes figuras da Restauração, mais adiante apontadas. Aqui fica, portanto, o alvitre. Oxalá que, dentro em breve, a Câmara de Loulé o concretize!

Do louletano Lourenço Esteves, marinheiro e homem bem aproveitador dos seus bens, apenas tenho notícia de ele haver pedido a sua emancipação, em 1410,⁽²⁾ quando já então, à semelhança de tantos outros, infelizmente desconhecidos, se encontrava ao serviço da armada. Não é, portanto, arriscado aventar a hipótese de que este marinheiro tenha depois feito parte da tripulação de alguma das caravelas enviadas à conquista de Ceuta ou ao descobrimento da Costa da Guiné, já sob a égide do Infante de Sagres.

E ainda na época do ínclito Infante, nos surge a lendária figura desse grande navegador que se chamou, como é sabido, Álvaro Fernandes Palenço.

Mas o que se ignora é que Loulé deve ter sido, segundo meu fundamentado parecer, a terra da sua natividade, como já o afirmei em outro estudo, ainda em publicação.

Dele se ocupou também Sousa Viterbo, que, justamente, o considerou uma «das mais interessantes personagens da nossa epopeia marítima da idade média».⁽³⁾

E diz Viterbo: «não só foi um dos mais brilhantes cooperadores do Infante D. Henrique na sua obra da circum navegação africana, foi também um dos mais porfiosos adversários dos mouros da costa marroquina. Era ao mesmo tempo um descobridor e um corsário.»

(Continua no próximo número)

1 — Idem, *ibidem*, p. 188. Fr. José Pereira de SANTA ANA, na sua *Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observância nestes Reynos de Portugal e seus Dominios*, t. I (Lisboa, 1745), p. 317, refere que D. João I fez a D. Nuno Alvares Pereira muitas doações, em recompensa da vitória de Aljubarrota, entre as quais sita a dos «Direitos de Sylves, e Loulé, que tinha no Algarve...». E, a pag. 802, publica este autor a «Cópia da Carta de Doação de várias terras, que El-Rey D. João I fez ao nosso Condestável na era de 1423, que corresponde ao ano de Christo de 1385, poucos dias depois de vencida a batalha de Aljubarrota. «Nessa doação, dada em Santarém, a 20 de Agosto de 1385, diz-se «... et etiam damus ei in prestimonia omnes redditus & jura suos habemus, & jure debemus habere in Civitate de Silvis & Loulé, et in suis terminis, ut ea liberè habeat...».

2 — IRIA (Alberto), *ob cit.*, p. 189.

3 — SOUSA VITERBO, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses* (...), Lisboa, 1898, p. 243.

Mobilias para todos os gostos!

e móveis avulso em qualquer estilo!

Grande colecção de lustres e candeeiros

Artigos de decoração

Passadeiras ■ Colchoaria
Carpetes ■ Tapetes
Oleados ■ Pergamoides

Artigos para embelezamento do lar

Tudo por preços fora da concorrência

nos Grandes Armazens da Avenida

PINTO & PEREIRA

Telefone 83

SALDOS!

Muitos saldos!

em Copos ■ Garrafas ■ Jarros

■ Manteigueiras ■ Açucareiros ■

Leiteiras ■ Cachepots e grande

variedade de outros artigos.

Veja os grandes sortidos na casa de

JOÃO DE OLIVEIRA

Telef. 47 Praça da República LOULÉ

NOTÍCIAS PESSOAIS

Aniversários

Fazem anos em Dezembro:
Em 1, a sr.^a D. Gracinda Chumbinho de Sousa, residente em Lisboa e as meninas Maria Natália Pinto Mazagão e Maria Olávia de Sousa Correia.

Em 5, o sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira.

Em 6, o menino Alexandre Cavaco Carrilho.

Em 8, as meninas Maria da Conceição Brito da Mana e Solange Parrajota Ralheta.

Em 10, o sr. Francisco Correia Guerreiro, a menina Julieta Costa da Silva e o menino Fausto José Tomaz Coelho.

Em 13, o sr. Dr. António Correia Frade e a sr.^a D. Albertina Monteiro Sotto Mayor Pinto.

Em 16, a sr.^a D. Adelaide dos Santos Garracho e a menina Maria Leal Alho.

Em 17, a sr.^a D. Marieta G. Mendes Pinto e o sr. José de Sousa Salgadinho, residente em Lagos.

Em 18, a menina Maria dos Santos Lopes Camilo.

Em 19, a menina Dina Maria do Nascimento Caeiros.

Nascimentos

Na Maternidade Cabral Sacadura, em Lisboa, teve o seu bom sucesso no pretérito dia 21, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a D. Maria Eduarda da Costa Gonçalves Sá Pereira Pinto, esposa do nosso prezzo amigo e assinante em Lisboa sr. Dr. Orlando Pinheiro Rafael Pinto, químico-farmacêutico do Instituto Luso-Farmaco.

Mãe e filha encontram-se bem.
— Também em Lisboa, na Maternidade Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso no passado dia 17, dando à luz uma criança do sexo masculino a nossa conterrânea sr.^a D. Isabel Garrocho Duarte, esposa do nosso prezzo assinante em S. João do Estoril sr. Joel Fernandes Duarte.

Os nossos parabéns aos felizes pais, com votos de muitas felicidades e longa vida para os recém-nascidos.

Felecionamentos

Faleceu nesta vila, no passado dia 21, a sr. D. Maria Serafina Ramos Olival, que contava 71 anos de idade e era viúva do sr. Major Manuel António de Olival Jr. e irmã do sr. José Maria Ramos, funcionário superior dos C. T. T. em Faro.

— Com a idade de 92 anos, faleceu no sítio da Soalheira ne passado dia 8, a sr.^a D. Maria Teresa viúva do sr. Manuel Francisco Grosso e mãe dos srs. João, José, Joaquim, Manuel e António Francisco Grosso, proprietários e da sr.^a D. Teresa Francisco Grosso.

A's famílias enlutadas endereçamos as nossas sentidas condolências.

Funcionário premiado

PELO Automóvel Clube de Portugal foi atribuído ao nosso conterrâneo sr. Aníbal Marum Pereira, chefe da Conservação de Estradas, um prémio por se ter distinguido no arranjo das estradas a seu cargo no ano de 1952. E' a segunda vez que lhe foi atribuído o prémio.

CAMION - Compro

Bedford ou Austin a gasolina, com aluguer de até 100 ou além de 100 quilómetros.

Resposta a Rafael Almeida Santos — Rua Diogo Cão, 20 — Évora.

A jovem dona de casa...

que carece de ver facilitadas as suas tarefas domésticas, prefere usar o GAZCIDLA, que, a baixo preço, se apresenta como o mais seguro e uniforme dos combustíveis, características estas a que alia as não menos importantes de ser mais rápido, mais cômodo e mais limpo que outro qualquer.

GAZCIDLA

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES DE CALORÍFEROS, FOGÕES ESQUENTADORES, ETC. • EM TODAS AS AGÊNCIAS DO PAÍS

AGENTES GERAIS
NO ALGARVE:

SALCO

Sociedade Algarvia de Carburantes e Óleos, Lda

Rua Dr. Oliveira Salazar n.^os 19-21

FARO

Revendedores em todas as localidades



Festa de Nossa Senhora da Conceição

No próximo dia 8, realiza-se na Igreja Matriz desta vila a tradicional festa em honra de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, com o programa do costume.

No dia 29 de Novembro houve procissão conduzindo a Veneranda Imagem para a Matriz, onde se tem celebrado a novena às 20,30 horas.

No dia 13, às 16 horas, haverá procissão reconduzindo a Veneranda Imagem de Nossa Senhora da Conceição para a sua capela, acompanhada pela Filarmónica «União Marçal Pacheco».

No passado dia 22, veio a esta vila administrar o Sacramento do Crisma, na Paróquia de São Sebastião, o sr. Bispo Coadjutor do Algarve, D. Francisco Rendeiro.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} chegou pelas 15 horas, tendo sido recebido com grandes manifestações de regozijo pelas autoridades religiosas e civis e por muito povo que enchia completamente o Largo de São Francisco.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} agradeceu a manifestação de respeito e estima que lhe foi feita, explicou o Sacramento do Crisma e quais os deveres dos crismados e padrinhos e seguiu para Faro pelas 17 horas, no meio dos mesmos sinais de consideração e estima da entrada.

Este jornal foi

Usado pela Comissão de Censura



A-6
STUDIO TOM

1.º de Dezembro Defesa Civil do Território Homenagem

(D. C. T.)

JÁ sem qualquer espírito de desafronta, comemora-se hoje, em todo o País, o festivo dia da Restauração Nacional, em que um punhado de bons portugueses conseguiu, num arrôbo de audácia, arrilar a vida de Portugal, novamente, no caminho próprio de Nação livre, reatando-se ao seu destino, interrompido, mas não quebrado, pelos acontecimentos de 1580.

Que a Mocidade, que no dia 1.º de Dezembro tem o seu dia, sinte sempre a correr lhe nas veias o sangue rubro dos conjurados e tenha o coração sempre aberto e generoso às solicitações da Pátria para que Portugal, cada vez mais fiel às suas tradições e aos imperativos do seu destino, se mantenha e se erga cada vez mais livre e mais português.

FEIRA de N. Senhora da Conceição

REALIZA-SE nesta vila, no próximo dia 8, a tradicional feira de Nossa Senhora da Conceição.

Porque é a última do ano a ter lugar no Algarve e porque o tempo vai animador para a agricultura é natural que seja concorrida e que nela se efectuem numerosas transações.

O balanço do ano que fina em breve, encontramos, em longínquas regiões do oriente graves momentos de angústia provocados pela guerra; mais próximo, no norte da Itália, as chuvas provocaram grandes inundações; no norte da Holanda, o mar rompeu os diques e espalhou a morte, o luto e a miséria.

Há pouco, entre nós, uma explosão violenta fez ir pelos ares grande parte dumha fábrica, contando-se os feridos por centenas.

Já o leitor pensou na aflição por que passaria se assistisse, incólume, a qualquer dessas tragédias?

Seria, certamente, impelido pelo seu coração a prestar auxílio aos seus semelhantes directamente atingidos. Saberia como fazê-lo?

Teria noção de qual das suas naturais ou cultivadas aptidões seria a mais útil, ou do local em que poderia ser mais prestável?

E em caso de guerra, como se comportaria?

Como evitaria, para si ou para os seus, os perigos mais graves ou como auxiliaria os serviços de socorro e de ordem?

A possibilidade de, em qualquer lugar ou em qualquer momento, cair sobre nós um cataclismo provocado pelos elementos da natureza — inundação, incêndio, tremor de terra, etc. — ou as desgraças dum guerra, impõe que pensemos a sério neste problema da defesa civil do território.

Porque pensamos tratar-se dum problema nacional, em cuja solução a Legião Portuguesa figura como elemento organizador e coordenador;

a um valoroso atleta do Olhanense

PROMOVIDA pela Direção do Sporting Clube Olhanense, realiza-se em Olhão, no próximo dia 8, uma festa de homenagem ao valoroso atleta Manuel Viegas Grazina, por ter atingido, ao serviço do futebol, a idade de 45 anos.

Pretende o Olhanense dar a referida festa uma projecção digna das qualidades do homenageado, pelo desportivismo e dedicação demonstradas durante os 17 anos de permanência na defesa do clube, galardoando assim uma figura que procurou servir sempre a causa desportiva com devoção e entusiasmo, ao longo de uma carreira exemplar de brio, correcção e simpatia.

O encontro a realizar no Estádio Padinha, entre Olhanense-Belenenses, terá a colaboração de Cabrita, Soares e Eminêncio, antigos companheiros do homenageado.

passaremos a dar-lhe, no nosso jornal, o lugar que lhe compete entre os assuntos que merecem a nossa melhor atenção e umas vezes tratando aspectos concretos da D. C. T., outras chamando para ele a atenção dos nossos leitores e leitoras, colaboraremos numa cruzada que se nos impõe por espirito humanitário e patriótico.